

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.406

Domingo, 24 de Junho de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calle da Combre, 38 A, 2.º e Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-6

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

O DIREITO DO USO E ABUSO

O DIREITO do uso e abuso, que é a lei principal que preside aos destinos das sociedades modernas, terríveis exortos das sociedades antigas, desce de tempos imemoriais. É uma profunda e sinistra reminiscência das mais remotas épocas do barbarismo; ele veio nas pontas das espadas e das lanças, nas extremidades dos punhais e das flechas, brandidas, manejadas pelos cartagineses, pelos gregos, visigodos, vândalos, suevos, celas e árabes que em correntes de exterminio e morte, litteraram o mundo de sangue pelo poder das conquistas.

O império romano, fundado pelos illustres sucessores desses guerreiros da violência, tornou esse direito do uso e abuso mais legal, mais civilizado e — perdoo o atrevimento — mais científico, pela inovação da jurisprudência e suas regras e pela invenção da moeda. Dai a célebre frase impostada pela bíblia: *Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus...*

Esta fórmula, esta divisa, plagiada, afinal, de outras antigas, é a impoção, aos vencidos, da tirania e da ignorância. Quer dizer, traduzida a letra: tudo para o senhor, imperador ou rei, príncipe ou duque, sobre ou burgues, industrial ou comerciante; e como há filósofos que afirmam que é preciso a existência de um Deus, seja ele qual for, para conter em respeito a canalha, se que-se que também devemos de contribuir para o sustento das seitas religiosas, encarregadas da exploração e dos serviços domésticos das santas igrejas...

De tudo isto tira-se esta lógica conclusão: tudo quanto existe nas sociedades dos nossos dias é compendiado do atrozado — religião, moral, lei, tirania, coisas velhas espancadas, de tempos a tempos, ao sol das insurreições escamoteadas. O proletariado é neto, ou bisneto, do escravo.

Enquanto as coisas estiverem neste pé, enquanto uma minoria de patifes

usar do património universal, abusando da paciência dum povo inteiro, abusando da sua ignorância e da sua covardia, não se pode dizer que o Homem é o animal mais perfeito.

Consideremo-lo antes o animal mais feroz, que de longa data vem entredevorando num maxilar horrendo.

«O que significa «o uso e o abuso» das guerras de ocupação, de hegemonia de conquistas? As correntes, os massacres, as violências dos celas, dos cartagineses, dos gregos, dos vândalos, dos suevos, dos gregos, árabes ou romanos, depois de passarem pelas armas da violência e da escravidão os povos vencidos... Tal qual hoje tem sucedido... porque nos gabinetes acañados do poder, da finança, da indústria, do comércio e dos quartéis gerais se acolitam os modernos faróis do capitalismo usurpador, os quais, para maior glória e maior refestelamento, organizam todos os planos de pirataria em grande...

Um escritor, cujo nome não se recorda de momento, afirmou-nos que o cão é um candidato à humanidade. Porém, o epitáfio do cão de Byron notava-o um pouco mais adma de candidato. O epitáfio referido diz: «Aqui repousam os restos de um ser belo sem orgulho, forte sem insolência, valente sem ferocidade, possuindo todas as virtudes do homem sem nenhum dos seus vícios».

Ora o homem, torcido pelas falsíssimas convicções duma sociedade iniqua, truncado, estropeado pela terrível engrenagem dum sistema político, económico e social, que permite o direito do uso e abuso, da injustiça, do privilégio, da opressão, da miséria em contraste com a opulência — está, em matéria hu-

mana, em sentido oposto: é orgulhoso, sem ter beleza nas suas relações sociais — uma orgulhosa de espelhar os seus trabalhos, outros envaldecem-se pela importância que o seu amo, que o seu explorador, que o seu tirano possa ter em relação a outro; é insolente e não tem a força, por enquanto para pôr um dique aos desvios, aos erros, às arbitrariedades, aos roubos e escândalos morais que se praticam constantemente em todas as partes — a audácia dos de cima corresponde à razão directa do indolentismo e covardia dos de baixo; é feroz, sem ter a valentia, o heroísmo de corrigir defeitos e reformar a sociedade para um sentido mais harmonioso de abastança, apoiado nos pilares da solidariedade mútua — uma, aproveitando-se da imbecilidade dos filhos do povo e do desarmamento deste, premeditam friamente todos os saques legais e mortíferos mongólicos, enquanto que muitos escravos serão capazes de verter sangue em pugnas de esquina e de *lana caprina*, em vez de erguer o braço vingador, a justificar um tirano; finalmente, está cheio de vícios, ávidos e ainda não conseguiu aquela dose de virtude indispensável à proclamação da razão humana, que nos aconselha o respeito mútuo e o termo completo de todo o egoísmo atroz — que, corrompidos pelos efeitos da bacanal decorrente, entregam-se, após o enriquecimento pelo roubo, a toda a sorte de prazeres mundanos, a todo o processo de prostituição, outros procuram, conforme as suas possibilidades, imitar, desde a fobia do desportismo às fúrias das romarias e outras coisas mas...

Felizmente para o cão, ele talvez nunca chegará a ser vencedor no surraço que lhe dedicam, perdendo as suas actuais e naturais qualidades para adquirir outras piores e artificiais, meras duma instituição fundamentada num banditismo antigo, medieval e contemporâneo...

Escandalos de Coimbra

Depois do Hospício

E, coisa curiosa, o homem pôde deixar de ser o rei dos patifes, do simbecis e dos parvos, para, de facto, passar a ser o rei dos animais, pleno de raciocínio. É uma questão de esfrangalhar o direito do uso e do abuso, do *jus utendi e abutendi*, que obriga o povo a ser perpétuo cavalo da estátua equestre, erigida pelas mentiras convencionais à realza do capitalismo, de que nos fala Hugo. Levantar-se a tirar com o cavaleiro de grande distância, mas com a *conditio sine qua non* de não voltar a ser burro, prosseguindo na revolução francesa e aperfeiçoando a revolução russa — eis o que o povo tem a fazer. E depois de solto, livre, sem o peso de cima do lombo e de *crinas* esvoaçando ao vento da revolução social, correrá na estrada da Liberdade pela conquista do seu direito ao *penso* que lhe era veladamente regateado pelo patrão, pelo dono...

Cavaleiro estatelado, morto, o Estado-capitalista, fica reduzido a fragmentos inúteis o direito exclusivo do uso e abuso do progresso, da instrução, da ciência, da produção e do consumo: — jámais o povo sob o dorso, conduzirá o *fidalgão* conquistador e enriquecido com o suor alheio; jámais puxará a um carro, jámais se estiolará na estreiteira aporativa dum trabalho penoso e mal remunerado. A mecânica, a electricidade, o vapor, o ar comprimido, as quedas de água, emfim, toda a ciência ao serviço dos campos e das fábricas na posse integral do produtor, encarregar-se-ão, por assim dizer, de todo o trabalho. O homem será apenas o guia de toda a maquinaria; o Homem será, de facto, então o homem, o animal superior, porque terá luz no cérebro e sentimento no coração...

E o piramidal período de banditismo tocará o seu fim. As vermelhas do sangue sucederá o dourado do sol da Felicidade.

Clemente Vieira dos SANTOS

NOTAS & COMENTÁRIOS

Fusão de monopólios

A república continua merecendo o apódo de regimem dos monopólios. Estes em vez de diminuírem, aumentam, em vez de emagrecerem, engordam.

Agora, fala-se na fusão do monopólio dos tabacos com o dos fósforos. Se nos queixávamos da falta de fósforos e do assombro do tabaco, vamos passar a queixarmo-nos dos fósforos e dos tabacos, ao mesmo tempo. É que a união dos monopólios vai dar como resultado uma camaradagem estreita entre tabacos e fósforos. Quando encarecerem os primeiros, encarecerão os segundos e quando algum deles faltar o outro também não aparece. É que fusão de monopólios significa fusão de assombros.

S. João

S. João que Herodes Antipas mandou degolar ainda ali nas ruas, entre cantos, risos e balões e marchas. Não é bem o sombrio pregador cristão que o povo festeja. É antes um S. João simbo de ruído, de movimento e de alegria. Não é o S. João, mas o verão, o verão que vem e que estamos. Mais do que verão é ainda o costume imposto pela tradição dos divertimentos populares. A bem dizer o que ontem se comemorou foi apenas a despreocupada pândega que há muitos anos se efectua neste país, na mesma data do mês que decorre.

A gentileza da Companhia Nacional de Navegação

Fôram enviados aos jornais convites para a visita ao «Angola» o novo vapor da Companhia Nacional de Navegação. Os representantes da imprensa compareceram ao referido vapor. Mas, constataram que ninguém da referida companhia prestou à sua presença a menor atenção. Os representantes dos jornais apenas puderam assistir do alto duma espécie de galeria a um discurso em que o sr. Ulrich falou no «Angola», no auxílio do governo e no engrandecimento da pátria. Um pouco depois os passaram próximo da sala onde estavam as personalidades da política e os ministros que fôram ao contrário da imprensa cumulaados a de atenção como alguém lhes observasse que havia turnos para uma espécie de copo de água um deles disse para os seus colegas:

— Retiremo-nos já. Presumo que nos tomam por famintos de Cabo Verde. E a maioria dos jornalistas retirou-se constando que tanto a entrada como a saída ficaram desconhecendo o que era a cortesia da Companhia Nacional de Navegação. Em compensação os políticos em evidência retiraram-se depois de receber inúmeras provas da mais inatigável deferência.

Convém esclarecer, por ser justo, que as companhias de navegação estrangeiras tem sido sempre amáveis para a imprensa.

Não perdem pela demora, deixem estar, em breve mais algumas coisas diremos sobre professores e sobre escolas!

Os alunos lesados e com competência não pretendem os lugares distribuídos «ad-hoc», reaptam o professor nomeado a prestar provas quer em gabinete ou públicas, demonstrando a sua competência para professor de modelação!

Vão por estes dias fazer distribuição dum manifesto veemente, protestando contra o que à sombra de amigos se pretende fazer, a coberto falsas intenções, entregando a quem nem de instrução primária tem conhecimentos, um lugar que deve a pertencer a quem de direito.

Temendo este cavalheiro que o caso do Hospício tenha um desfecho grotesco e estando nomeado para professor do mesmo, pretende também — não vá depois acabar-se a papa — fazer a troca com um outro professor para que fique em definitivo arrumado na referida escola de «Brotero».

Os que também souberam urdir o caso da troca do edifício, roubado infamemente aos seus donos, a casa do Hospício, das crianças, temem já a fuga do lauto jantar que de ante mão os esperava.

Tem medo! Os Tartufos! — C.

O BOMBISTA MANUEL FRAGOSO

não tem autoridade moral para acusar um homem cuja vida ignora

Duma maneira geral, tratamos monárquicos, os homens da ordem, solidários com o sr. Manuel Frágoso, tam boa pessoa, tam respeitador da vida de cada um!

Também em Outubro de 1918 — lembra-se sr. Manuel Frágoso? — esteve para rebentar um golpe de Estado no qual o heróico deputado, o aplaudido parlamentar entrava na melhor das intenções.

Neste artigo queremos apenas analisar a questão no que diz respeito ao deputado sr. Manuel Frágoso, que no parlamento, com o apoio de todos os lados da câmara, se insurgiu contra o suposto bombista Manuel Ramos.

O sr. Manuel Frágoso teve lindas palavras de revolta contra a violência, quiz que se saneasse a sociedade e não ponde admitir que um tribunal absolvesse um homem que toda a gente se habituara a considerar bombista.

Para falar com tanta sobranceira, com tal desassombro é preciso ter-se uma vida exemplar, de ordem, de respeito pela vida alheia, de paz absoluta.

Ora o sr. Manuel Frágoso é precisamente a pessoa que possui todos esses requisitos.

Quando do movimento de 14 de Maio, residia o sr. Manuel Frágoso em Évora. E como respeito muito a vida alheia, tratou de fazer-se um dos mais assanhados conspiradores. Para quê? Para evitar, certamente, que se produzisse a subversão da ordem, para proceder como os mais pacíficos cidadãos. Tanto assim, que, reunido com outros no palácio de D. Manuel, resolveu apelar para a insurreição, incitando as massas ao incêndio e ao assassinato. Foi, então, por essa ocasião que as chamas devoraram a redacção do jornal *O Noticias de Évora*.

Oh, os belos sentimentos humanitários do sr. Manuel Frágoso!

Foi ainda por essa ocasião que morreu varado por balas assassinas o farmacêutico João Banha, ex-aluno da Casa Pia da referida cidade. Dizemos por engano porque a morte não se destinava a esse infeliz, a vítima escolhida era o sr. Joaquim da Mota Capitão, que ainda chegou a ser atingido por um tiro que não o matou.

Oh, como tem frutificado as belas doutrinas do sr. Manuel Frágoso! Como sabe bem ver os

monárquicos, os homens da ordem, solidários com o sr. Manuel Frágoso, tam boa pessoa, tam respeitador da vida de cada um!

Também em Outubro de 1918 — lembra-se sr. Manuel Frágoso? — esteve para rebentar um golpe de Estado no qual o heróico deputado, o aplaudido parlamentar entrava na melhor das intenções.

Neste artigo queremos apenas analisar a questão no que diz respeito ao deputado sr. Manuel Frágoso, que no parlamento, com o apoio de todos os lados da câmara, se insurgiu contra o suposto bombista Manuel Ramos.

O sr. Manuel Frágoso teve lindas palavras de revolta contra a violência, quiz que se saneasse a sociedade e não ponde admitir que um tribunal absolvesse um homem que toda a gente se habituara a considerar bombista.

Para falar com tanta sobranceira, com tal desassombro é preciso ter-se uma vida exemplar, de ordem, de respeito pela vida alheia, de paz absoluta.

Ora o sr. Manuel Frágoso é precisamente a pessoa que possui todos esses requisitos.

Quando do movimento de 14 de Maio, residia o sr. Manuel Frágoso em Évora. E como respeito muito a vida alheia, tratou de fazer-se um dos mais assanhados conspiradores. Para quê? Para evitar, certamente, que se produzisse a subversão da ordem, para proceder como os mais pacíficos cidadãos. Tanto assim, que, reunido com outros no palácio de D. Manuel, resolveu apelar para a insurreição, incitando as massas ao incêndio e ao assassinato. Foi, então, por essa ocasião que as chamas devoraram a redacção do jornal *O Noticias de Évora*.

Oh, os belos sentimentos humanitários do sr. Manuel Frágoso!

Foi ainda por essa ocasião que morreu varado por balas assassinas o farmacêutico João Banha, ex-aluno da Casa Pia da referida cidade. Dizemos por engano porque a morte não se destinava a esse infeliz, a vítima escolhida era o sr. Joaquim da Mota Capitão, que ainda chegou a ser atingido por um tiro que não o matou.

Oh, como tem frutificado as belas doutrinas do sr. Manuel Frágoso! Como sabe bem ver os

Dos livros e dos autores

CRUZEIRO DO SUL, crónicas por Norberto Lopes

MEMÓRIAS DUM HÓSPEDE, novela por Cristiano Lima

A travessia acria do Atlântico realizou-se com admirável esforço dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, entre as tantas coisas interessantes que sugeriu ou revelou, forneceu ensejo a que Norberto Lopes evidenciasse as suas qualidades de jornalista, e traçasse a história do famoso feito, nas páginas modelares do seu recente livro «Cruzeiro do Sul».

Norberto Lopes, até hoje, é, de facto, o primeiro o mais completo cronista da travessia — o que teve a ventura de assistir, deslumbrado, a todo o vôo maravilhoso, desde as horas esperanças na largada das águas do Tejo até ao momento triunfal da recepção em Guanabara, tendo vivido de perto, e na mais exaltada comoção, todos os momentos de ansiedade dessa jornada famosa a sua observação inteligente, da sua juventude impressionada, do seu comprovadíssimo temperamento de homem de letras, Norberto Lopes soube extrair o material com que compôs as suas crónicas, mas, com um senso tam notável que, em jornalista jovem, tal equilíbrio é o seu mais completo elogio.

Não se trata — neste «Cruzeiro do Sul» — de crónicas vistosamente engalanadas — de dum vago tour literário, recheadas naquela erga efêmera, mas vulgar, dessa que muitas vezes até encontramos assignadas por alguns que se reputam mestres, e que a gente acolhe com delicada indiferença. Não: «O Cruzeiro do Sul» é um livro que se guarda preciosamente, carinhosamente, pelos motivos que trata, pela inteligência, pela sensibilidade, e sobretudo, pela adorável sinceridade com que foi realizado.

En sou dos que enarco a travessia do Atlântico muito para além do patriotismo que, vulgarmente, oigo expandir, e tento prescrever todo o significado social deste e doutros empreendimentos agigantados, num pensamento mais universal, mais conforme com a utilidade e beleza que essas esplêndidas realizações podem derramar em todo o mundo — até mesmo porque a ciência e a arte são cosmopolitas. Mas não se trata agora de definir a minha pobre opinião sobre o significado social da travessia — aspecto que o autor não pensou em tratar no seu livro —; do que se trata é de apreciar a obra, e desta direi só mais isto: Vale como um dos mais completos depoimentos acerca do acontecimento que, nos últimos tempos, mais impressionou os portugueses.

São páginas que eu li por vezes com ênlevo, e sempre com a maior simpatia, absolutamente satisfeito pelo merecido êxito da obra e pelo triunfo do seu autor.

A edição, bem cuidada, é da «Renascença Portuguesa», e a capa traz um sugestivo desenho de Stuart Carvalhal.

«Memórias dum Hóspede», eis como se chama a recente novela que Cristiano de Lima escreveu e foi publicada na série da «Novela Sucessor».

O nome diz tudo, e Cristiano de Lima é dos que sabem que os títulos, de qualquer modo, devem corresponder à síntese da obra.

Não se trata duma novela excêntrica, movimentada, artificiosa, com os tais cordelinhos que fazem mover os personagens em fugas e correntes que tanto agradam ao público fácil e inletrado —

ESCANDALOS DE COIMBRA

DEPOIS DO HOSPICIO

O caso picaresco das nomeações

de professores para o Instituto

Depois do já conhecido caso do Hospício e a que ainda falta muito que desbulhar, outro levemente desenhado então, tem agora, ou vai ter muito brevemente, o seu epílogo.

Trata-se das nomeações de professores sem concurso, dos que sem competência se vão encontrar em breve nas cadeiras de educadores do povo.

Como é ludibriado, julgando ter na sua frente verdadeiros professores, homens de conhecimentos que te ensinam, fazendo de ti um técnico para dirigir no futuro a sociedade!

Basta de infâmias! Haja moralidade e coerência com os princípios que proclamastes!

Pretendem os políticos-anichadores nomear de vez, em definitivo, um cavalheiro a quem falta os conhecimentos artísticos, para professor de modelação da Escola Industrial de Brotero!

Os alunos da mesma escola saídos há alguns anos, achando-se com mais competência do que o professor que agora pretendem nomear para essa, encontram-se lesados e ofendidos, pois as poucas escolas que existem no país em vez de terem professores com conhecimentos, estão abarrotadas de incompetentes, não podendo consentir numera de progresso, que os processos de instrução do povo sejam de «caranguejos».

Existem em Coimbra alunos com mais competência — e os trabalhos tem-se visto — do que o professor que a porca da política agora quer anichar no lugar de professor de Arte.

Oh Arte que estás profanada pelas mãos de «Santos»!

«E viva a república senhor dr., não se esqueça do meu pedido».

Hein, que tal está?

Um senhorio como muitos

Na rua 2 à rua Correia Teles, letra S, R. existe um prédio de que é proprietária a firma Soeiro & Rodrigues. Ainda esse prédio não estava construído, já aquela firma havia alugado a cave esquerda a uma família, pela renda mensal de 250\$. Essa família, mesmo antes de ir para ali residir, fez entrega de 5000\$, respeitante aos dois meses como manda a lei, e à face do respectivo arrendamento. No entanto foi dito por essa família ao sr. Soeiro que em virtude de ser pesada a renda, teria que meter hóspedes para lhe ajudar a pagar o aluguer, e o sr. Soeiro não pôs dúvida alguma, autorizando verbalmente.

Sucedeu agora aparecer uma criatura que oferece 3000\$00 pela cave e o sr. Soeiro exige essa quantia aos actuais inquilinos. Como estes se negassem a satisfazer tal quantia, aquele cavalheiro intimou-os a sair no fim do corrente mês, tendo-lhes já retirado a água, o que causa grande transtorno, aproveitando-se também do facto de não estar inscrito no arrendamento a autorização do inquilino poder sobre-ajugar, parecendo que ele já assim procedeu com intenções reservadas, como agora se vê.

Este senhorio é como todos os outros que só pensam em arrancar a pele a quem não tem outro remédio senão ter casa para viver.

Uma campanha torpe

Como se fazem as reputações em Portugal — Como — depois se exploram essas reputações —

O ambiente que se criou em torno de Manuel Ramos

Em Portugal, as reputações, boas ou más, gloriosas ou torpes, illustres ou odiosas, fazem-se com uma facilidade estupenda. Basta para isso, que os jornais capitalistas o queiram. Chega ali, a Lisboa, um parvo qualquer que passou a sua vida a dizer lindas anseiras patrióticas ou a escrever douradas imbecilidades e logo os jornais se apressam a ouvir-lhe as opiniões balofas e a apresentá-lo aos seus leitores como um superhomem.

Um desgraçado tem a infelicidade de roubar um pão para matar a fome e logo os periódicos que elevaram a vacuidade de pensamento do parvo, que se curvaram a seus pés como escravos perante senhores poderosos, apresentam o pária com um cadastro inventado, alucinado de pôr de pé os cabelos a um calvo.

Quantos políticos, escritores, homens de dinheiro gosam fama de inteligências formidáveis, de bondade extrema, de incomparável generosidade quando, de facto, não passam das mais vulgares e medíocres *fiaturs*.

Quantos infelizes vivem miseravelmente no fundo de enxovias, apresentando pelos jornais como autênticos facinorosos, quando afinal possuem os mais nobres e invejáveis sentimentos?

Tudo isto, porque a maioria dos jornais para defender mesquinhos interesses, políticas de lama e, muitas vezes, só para fazerem sensação, deturpam a verdade, enlameiam e elogiam os maus, convencidos de que Abel Olímpio que o tribunal de Santa Clara condenou há pouco a pena máxima, não teria sido contra esse metade dos ódios que se levantaram impetuosos se não lhes tivessem posto a bizarra alcunha de *Dente de Ouro*.

O ambiente de calúnias

Ora, os jornais habituaram-se a insultar violentamente Manuel Ramos de cada vez que lhe citavam o nome. Nunca diziam simplesmente Manuel Ramos, escreviam e escrevem — o bombista Manuel Ramos. Não curavam de saber se haveria razão para lhe chamar bombista. Apenas pelo prazer de aterroizar os seus leitores repetem incessantemente as palavras *bombista, terrível bombista*.

Manuel Ramos tem sido calunizado,

tem-se mentido torpemente sobre a sua vida, tem-se criado em torno dele um ambiente tam antipático, tam odioso que todo aquele que tiver a ombridade e a coragem de defendê-lo, cai na desconfiança do público mal informado.

Foi com uma pesada carga de calúnias vis que Manuel Ramos se apresentou há dias num tribunal para ser julgado. Quem tivesse acreditado em todas as mentiras da imprensa, nas puras invenções dos jornais, julgaria Manuel Ramos um bandido apenas comparável aos *escrocs* dos 50 milhões de *dollars* que não se sentaram no banco dos reus e que tiveram acérrimos defensores na imprensa diária. Constituiu, portanto, uma verdadeira surpresa a absolvição dum homem que toda a gente tomava por um criminoso confesso.

E ninguém se convence de que Manuel Ramos foi absolvido, pela simples razão de o tribunal não conseguir por mais que procurasse encontrar provas para condená-lo.

Uma especulação revoltante

É com esse ambiente odioso que os próprios criaram que os jornais agora

especulam revoltantemente. Eles mentiram e a absolvição dum tribunal absolutamente burguês que não podia ter simpatias por um reu que bastas vezes se confessou revolucionário constitui um flagrante desmentido.

A luta indecorosa a que estamos assistindo, da imprensa, sem um argumento sólido, sem uma base segura, pretender deturpar a verdade, enlamear um tribunal, no fundo representa apenas o amor próprio desses jornais ofendidos. Então pode lá conceber-se que um tribunal desobedece aos seus gestos da imprensa, vil, julgasse com ampla autonomia e absolvesse um homem que razão não havia para ser condenado? Ainda se se tratasse dum *honrado* comerciante da nossa praça, dum político em destaque, de qualquer cavalheiro de indústria enfiado e *chie* admitia-se que o tribunal, tomando em consideração os altos sentimentos patrióticos do personagem, o absolvesse. Mas tratava-se de Manuel Ramos que os jornais à viva força proclamaram bombista terrível. Se os jornais o dissem, se os jornais o afirmaram ninguém poderá contestá-lo porque os jornais nunca se enganam...

Classes que reclamam

Compositores e Impressores Tipográficos, Encadernadores e Anexos

A comissão pró-salário mínimo e diário reúne na próxima terça-feira às 20,30 horas prefixas, juntamente com os delegados das oficinas afim de ser apreciada a resposta dos industriais às reclamações e para tomar conhecimento dos trabalhos levados a efeito por esta comissão afim de se conseguir que seja um facto as aspirações das classes.

Em virtude da importância dos assuntos que se vão tratar é indispensável a comparecência à hora indicada de todos os delegados bem como de representantes das várias oficinas que até agora ainda os não tinham, para que possam prestar vários esclarecimentos que esta comissão reputa indispensáveis para levar a bom termo o movimento.

Manipuladores de Pão

Amanhã, pelas 9 horas, reúne em assembleia magna esta classe, para se ocupar das reclamações a apresentar ao patronato e que são as seguintes:

Cumprimento da lei de 8 horas de trabalho; salários de 18000 para caixeiros e amassadeiros e de 15000 para moços de fora; ficar a responsabilidade da falta de peso a cargo dos industriais, em vez de, como sucede agora, ser tomada aos distribuidores.

O sindicato exorta todos os camaradas de Lisboa e arredores a não faltarem a esta importante reunião.

A questão de Tanger

LONDRES, 23.—Os técnicos francês, inglês e espanhol encarregados de estudar a questão de Tanger reuniram-se há 29 de Junho em Londres.

